

SOLIDARIEDADE Programa premia 2.000 crianças e jovens de 90 países que fizeram ações sociais positivas em suas comunidades

Índio faz CD-ROM e rouba cena na Disney

Brasil teve mais de 400 jovens participantes

DA ENVIADA ESPECIAL

A Unesco no Brasil recebeu mais de 400 cartas de pessoas apontando um possível "Líder do Amanhã".

A seleção considerou a criatividade, o impacto positivo causado na comunidade e o potencial de inspiração gerado nos demais membros do grupo comunitário.

O programa foi aberto a crianças e jovens de 8 a 16 anos que tivessem realizado uma ação em benefício de sua comunidade em 99.

Os participantes foram obrigatoriamente inscritos por um adulto, maior de 21 anos, sem parentesco com o indicado. O responsável pela indicação também elaborou uma redação sobre o projeto desenvolvido pela criança.

O júri foi composto por dez pessoas, entre membros da Unesco e da UnB (Universidade de Brasília). A comissão julgadora selecionou as 40 melhores ações e checkou a veracidade das informações ouvindo membros das comunidades.



Grupo das 40 crianças brasileiras selecionadas pela Unesco como "Líderes do Amanhã", entre elas o índio xavante (segundo à direita)

PRISCILA LAMBERT

ENVIADA ESPECIAL A ORLANDO

Na terra de Mickey Mouse — o Walt Disney World —, um índio xavante brasileiro de 16 anos, que luta para levar energia elétrica e tecnologia à sua tribo, roubou a atenção de visitantes, fotógrafos e jornalistas na semana passada.

Jesus Tserenhini, da tribo Dom Bosco, em Mato Grosso, disputou os holofotes da Disney com 2.000 crianças e adolescentes de várias partes do mundo que foram selecionadas pela Unesco para receber o título de "Líderes do Futuro". Deles, 40 são brasileiros.

Cada um dos 2.000 selecionados traz na bagagem uma ação criativa e positiva que desenvolveu para ajudar sua comunidade.

Premiados, ganharam uma viagem para os parques da Disney, onde, entre passeios em simuladores de nave espacial e montanhas-russas, participaram entre os dias 8 e 11 do Fórum Global dos Sonhadores do Milênio, patrocinado pela Disney e pelo McDonald's, com o apoio da Unesco.

Entre tantas histórias comoventes — como a do maranhense Wellington da Silva Júnior, 14, que após descobrir que tinha diabetes, aos 11 anos, superou o susto e criou uma associação para apoiar e dar orientação a crianças e jovens doentes, ou a da eslovena Jozica Zupancic, 12, que venceu sua mãe a receber em casa uma criança de Kosovo, órfã da guerra —, a do xavante chamou ainda mais a atenção pelo inusitado.

Fora de sua região, o índio conhecia apenas Presidente Prudente (interior de São Paulo), para onde foi em um intercâmbio e estudou em uma escola durante seis meses. Foi lá que o índio teve seu primeiro contato com o computador e, deslumbrado, decidiu criar um CD-ROM sobre seu povo, com a ajuda dos colegas brancos que visitaram sua tribo.

"Quero registrar nossa cultura para preservá-la entre o nosso povo e para ensiná-la aos outros", disse, pausadamente, com dificuldades para falar o português.

Convidado-mirim mais requisitado pela imprensa televisiva e escrita de todo o mundo, Jesus, acompanhado pelo pai, o cacique Domingos Mahoroero, quase não pôde experimentar as novas sensações das "estranhas" atrações dos parques norte-americanos.

Foi tanto assédio que os representantes do grupo brasileiro na Disney se sentiram obrigados a cancelar algumas das muitas entrevistas agendadas para deixar mais tempo livre para o índio. "Ele e todas as outras crianças estão aqui principalmente para se divertir", disse Afonso Braga, diretor de vendas e marketing da Walt Disney Company Brasil.

Tserenhini, no entanto, não se abalava. "Não estou aqui (na Disney) a passeio. Acho importante fazer contato com todas essas pessoas para levar a nossa cultura".

Durante um simpósio realizado para apresentar as histórias das crianças, o xavante foi aplaudido de pé. Quando perguntaram ao índio qual seria seu maior desejo naquele momento, ele respondeu: "quero preservar minha cultura e fazer um CD-ROM com as histórias dos 'Sonhadores do Milênio'". A platéia veio abaixo.

"Mesmo com a barreira da língua e da diversidade cultural, Tserenhini conseguiu se integrar a outra cultura e potencializou essa experiência favorecendo sua própria cultura", afirmou Marlova Jovchelovitch, coordenadora de projetos transdisciplinares da Unesco no Brasil e presidente do júri que elegeu as 40 crianças brasileiras.

Segundo ela, a escolha dos ganhadores foi difícil. "Assim como Jesus, cada um dos brasileiros teve de superar obstáculos para dividir sua experiência e solidariedade com o próximo", disse.

O evento foi criado para celebrar a entrada do novo milênio (que, oficialmente, ocorre no ano que vem) e faz parte das comemorações do ano 2000 como Ano Internacional da Cultura de Paz, instituído pela ONU (Organização das Nações Unidas).

A organização do evento pretende realizar uma pesquisa em um ano para acompanhar a evolução do trabalho dos premiados.

PRISCILA LAMBERT viajou a convite da Disney World e do McDonald's

Para xavante, computador é 'porta do mundo'

DA ENVIADA ESPECIAL

Se conseguir levar energia elétrica para a sua tribo, Jesus Tserenhini poderá instalar computadores e ensinar seu povo a usá-los. Dessa forma, acredita que estará em contato com o mundo e poderá denunciar mais facilmente agressões contra sua comunidade e disseminar sua cultura.

Essa foi uma das grandes descobertas de Tserenhini durante os seis meses em que estudou no Colégio Cotiguara, em Presidente Prudente, no fim do ano passado. Incentivado por seu pai, o cacique Domingos Mahoroero, o índio aceitou fazer o intercâmbio.

Domingos, que busca "conscientizar a sociedade sobre a importância da preservação da cultura indígena", tem há quatro anos um projeto com a Secretaria

de Estado da Cultura, que patrocina apresentações de dança da aldeia em escolas paulistas.

"Durante o projeto tive a ideia de criar um intercâmbio de culturas. Entrei em contato com várias escolas, mas a Cotiguara foi a única que abriu as portas", diz o cacique. Ele então mandou seus dois filhos e um sobrinho ao colégio.

Foi lá que Tserenhini (que recebeu o nome Jesus porque nasceu no dia 25 de dezembro) conheceu o computador. Depois de ver um CD-ROM criado pelos alunos e professores para o Dia dos Pais, o jovem xavante propôs ao diretor da escola que se fizesse um CD-ROM sobre seu povo.

Tserenhini levou então 40 colegas de sua escola para conhecer a aldeia Dom Bosco, onde vivem 140 índios. As crianças entrevistaram moradores, tiraram fotos e

redigiram textos, sob a supervisão de Tserenhini, que decidia o que podia ou não entrar no CD-ROM.

A escola irá patrocinar a produção de mil cópias do CD-ROM, batizado de "A'uné uptabi" (índio verdadeiro, em xavante), que serão distribuídas entre os alunos.

"Quero mostrar meu povo para que os brancos aprendam nossa cultura e passem a respeitá-la."

A próxima batalha do jovem índio e de seu pai é conseguir levar energia elétrica para a aldeia. "Eu usaria o computador para falar com outros países e divulgar neles a nossa tribo", diz o rapaz.

"Diferentemente do que muita gente acha, se tivermos tecnologia estaremos fortalecendo nossa cultura. Vamos nos comunicar com o mundo e mostrar as injustiças que sofremos, como invasão de nossas terras", afirma o cacique.



Rafael Brito, cego desde os três anos, com sua mãe na Disney (EUA)

Mascote do MST é selecionada

DA ENVIADA ESPECIAL

Entre o grupo de brasileiros selecionados pela Unesco para receber o título de "Líderes do Amanhã" na Disney World, estava a garota que ficou conhecida por ser a "mascote do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)".

A paranaense Stefanie Luiza Aparecida Brasser, 13, começou a participar das ações do movimento com sua mãe, Maria José Machado, em 97. "A gente vivia do salário de minha avó, que morreu naquele ano", diz a menina.

Apesar de Maria José ser proprietária de um imóvel na Cohab (Companhia Metropolitana de Habitação), em Londrina, decidiu partir para um acampamento do MST e alugar seu imóvel porque "não tinha o que comer".

Ela, mãe solteira, e seus dois filhos mais velhos (de 16 e 19 anos) estavam desempregados. "No acampamento a gente recebia cesta básica", diz a mãe, que ficou ao lado da filha durante toda a entrevista à *Folha* e frequentemente reformulava a fala da menina. "Não fazíamos invasões, filha, mas ocupações", corrigiu a mãe, em uma das respostas.

A menina convenceu a organização da "Marcha Popular pelo Brasil" —marcha do MST que percorreu 1.580 km a pé, de Niterói a Brasília, para protestar contra a política econômica, no ano passado— a permitir sua participação. "Eles não deixavam que menores participassem porque não aguentariam a marcha. Mas eu conseguí. Queria conhecer as pessoas e as ideias do movimento", diz ela, hoje vivendo em um assentamento com sua mãe, que continua a receber aluguel.



Stefanie Brasser, a mascote do MST, foi uma das selecionadas

Pais são modelo, mas falham por não crer

DA ENVIADA ESPECIAL

Uma pesquisa realizada pelos organizadores do Fórum Global dos Sonhadores do Milênio com os 2.000 adolescentes concluiu que os pais são os principais inspiradores das ações sociais desenvolvidas pelas crianças. No entanto, eles são também apontados como o principal desafio por não levarem seus filhos a sério no desenvolvimento dessas ações.

"É uma aparente contradição pensar que aqueles que inspiram são também os maiores obstáculos, mas essa ambiguidade é explicável", disse Teri Lindner, premiada como a Professora do Ano nos Estados Unidos, em 99, e presente ao fórum.

Segundo ela, os pais constroem um modelo familiar que incentiva os filhos em suas iniciativas, mas,

ao mesmo tempo, eles falham na hora de ouvi-los.

"É preciso demonstrar confiança. Os pais devem criar um intercâmbio com a escola para que, juntos, consigam construir uma estrutura de apoio para essas crianças, que têm muito a dizer e a fazer por sua comunidade."

Questionadas sobre seus maiores desejos, 29% das crianças disseram que torcem pela paz no mundo. O respeito entre as pessoas ficou em segundo lugar, com 22%, e o respeito pelo meio ambiente, em terceiro (11%).

A norte-americana Jamie Morales, 15, deu uma outra resposta. "Desejo que achem logo a cura para a Aids." Sua mãe, seu tio e seu padrinho morreram com a doença quando ela tinha entre 5 e 7 anos. Seu pai é HIV positivo. Aos 8 anos, Jamie passou a pes-

quisar sobre a doença e hoje leva seus slides para ministrar palestras de orientação em escolas.

"Eu comecei esse trabalho porque não queria que ninguém aprendesse sobre a doença da mesma forma que eu, perdendo pessoas da família", diz ela.

A segurança e o bem-estar das crianças é o principal desejo da porto-riquenha Asension Gonzales, 10. Ela foi uma das escolhidas pela Unesco por ter pedido diretamente ao governante de seu país que reformasse um parque abandonado próximo de sua casa para uso das crianças. Sua iniciativa foi motivada pelo atropelamento de uma amiga que brincava na rua.

"Nós somos forçados a brincar nas ruas porque não há lugares seguros para a gente", disse ela. Hoje, o parque foi revitalizado e leva seu nome.

Eu sofri. Agora vejo que sempre há alguém pior. Por tudo que sofri, vou sempre poder dar uma palavra de amor

ALLAN BRAZ, 16, ex-menino de rua de SP

Comecei a dar palestras porque não queria que as pessoas conhecessem a Aids pelos mesmos caminhos que eu

JAMIE MORALES, 15, teve parentes mortos pela doença

Deficiente dá aulas de música

DA ENVIADA ESPECIAL

Deficiente visual desde os 3 anos, Rafael Brito, 13, conseguiu, com música e força de vontade, mudar alguns conceitos na comunidade onde vive, em Niterói (RJ). O objetivo é incentivar outros deficientes a ter força de vontade para lutar por um ideal.

Filho de mãe solteira que trabalha como empregada doméstica, Rafael conviveu desde cedo com a falta de recursos. Desde pequeno se interessava por música e aprendeu a tocar pandeiro.

Em 98, ganhou uma bolsa de estudos em uma escola de música e passou a ter aulas de percussão e cavaquinho. Dedicado, integrou um grupo na Escola Estadual de Educação Especial Anne Sullivan, em Niterói, onde estuda. "Passei a gostar mais do colégio quando pude levar meu pandeiro", diz. Hoje, já se apresenta em casas de shows e quer ser profissional.

Preocupado com a qualidade de vida de seus colegas deficientes, passou a dar aulas de percussão gratuitamente na escola. "Depois que ele começou a tocar no colégio, a vida dos alunos mudou, eles ficaram muito mais animados", diz a mãe, Conceição Silva, 42.

O paulista Allan Braz, 16, também superou dificuldades e encontrou forças para ajudar a comunidade. Ex-menino de rua e recuperado do vício das drogas, Braz achou apoio em uma entidade de Campinas (interior de SP) que abriga crianças carentes e deu a volta por cima. Em 99, presidiu um grupo de ex-meninos de rua que buscaram recursos financeiros e construíram com os próprios punhos um centro odontológico e uma sala de aula para adultos numa favela da região.